

CUBA: (IM)POSSIBILIDADES CUÍR¹ NA ERA DA TOLERÂNCIA

CUBA: QUEER (IM)POSSIBILITIES IN THE AGE OF TOLERANCE²

Lourdes Martínez-Echazábal*

RESUMO: Este trabalho aborda o ostracismo e o ativismo LGBT em Cuba após a Revolução de 1959; especialmente, o impacto social, econômico e cultural dos desenvolvimentos trazidos pela dissolução da USSR sobre a população LGBT cubana. À medida que Cuba começa sua virada Neoliberal, abraçando a economia de mercado misto em meados de 1990, testemunhamos uma mudança significativa no enquadramento dos direitos LGBT na ilha. O que causou essa mudança discursiva e institucional dos direitos LGBT nas últimas duas décadas? Como a circulação transnacional de ideias sobre gênero e sexualidade influenciaram o ativismo e os estudos LGBT em Cuba, que esteve relativamente isolada dos movimentos e da produção acadêmica globais até recentemente? É possível imaginar a cuiridade como algo além do modelo de governança binário heteronormativo que, desde os princípios da Revolução, marcou o modelo estatal? Como artistas responderam a essas mudanças? Essas são algumas das questões exploradas neste ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: cuiridade, Estado Socialista Cubano, Direitos LGBTQI

ABSTRACT: This essay approaches the ostracism and the LGBT activism in Cuba after the Revolution of 1959; particularly the social, economic, and cultural impact of the developments brought by the dissolution of the USSR on Cuba's LGBT population. As Cuba begins its Neoliberal turn, embracing a mixed-market economy in the mid-1990s, we witness a significant change in the political framing of LGBT rights in the island. What triggered this institutional and discursive change of LGBT rights in the last

¹ Nota da tradutora: os termos *queer* e *queerness* são de difícil tradução, pois não há correspondente direto na língua portuguesa. Nem poderia haver, por se tratar de uma expressão carregada de significados múltiplos e (geo)politicamente localizados. Nesta tradução, optei pela americalatinização “cuír”/“cuiridade”, que mantém a sonoridade do original em inglês e é marcada por uma grafia consoante com as línguas latinas.

² Traduzido por Claudia Mayer, Doutora em Estudos Literários e Culturais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tradução autorizada pela autora.

* Professora de Estudos latino-americanos e latinos na University of Califórnia, Santa Cruz. Sua pesquisa centra-se principalmente em questões de raça, gênero e sexualidade na literatura, cinema e cultura da América Latina. Ela é autora do estudo pioneiro *Para una semiótica de la mulatez*, 1990, editora de *Homenaje a Manuel Granados* (2005) e co-editora de *Genealogies of Displacement. Between Migration and Exile* (2005), e de vários artigos e capítulos de livro. Atualmente dedica-se a preparar a publicação do livro *Readings on Cuban Racial Politics, Sexuality and Affect*. Email: lourdes@ucsc.br

two decades? How the transnational circulation of ideas about gender and sexuality influenced the activism and LGBT studies in Cuba, which has been relatively isolated from the movements and academic production until recently? Is it possible to imagine queerness as something beyond the binary heteronormative model of governance that, from the beginnings of the Revolution, marked the State's model? How did artists respond to those changes? These are some of the issues explored in this essay.

KEYWORDS: queerness, Cuban Socialist State, LGBTQI Rights

De maneira geral, este ensaio é movido pelo meu próprio desejo de encontrar uma resposta - ou respostas - à abrangente questão: a cuiridade é possível em Cuba hoje? Por “cuiridade” me refiro a uma postura anti-normativa em relação às normas sexuais e de gênero, e, mais amplamente, contra as concepções binárias e coloniais de identidade. Nas páginas seguintes, abordo a questão reunindo duas paixões distintas: 1) a montagem de uma narrativa histórica engajada (neste caso, como forma de reunir meus compromissos pessoais e acadêmicos com Cuba, o lugar onde eu nasci, cresci e abracei pela primeira vez a minha própria cuiridade num momento exasperado da história LGBT pós-1959 na ilha) e 2) o exercício da investigação crítica, como forma de interrogar e discutir os discursos oficiais e acadêmicos e de compreender as recentes narrativas ativas LGBT.

Apesar do silenciamento administrado de maneira eficaz pelo governo cubano há décadas, é de conhecimento público que, durante as duas primeiras décadas da Revolução (as décadas de 1960 e 1970), homossexuais e pessoas de gênero variante foram ativamente perseguidas e frequentemente processadas pelo governo. Algumas pessoas foram enviadas a fazendas de trabalho forçado ou

de reabilitação (conhecidas como Unidades Militares de Ajuda à Produção, ou UMAP), foram-lhe negados direitos de cidadania, e / ou transformadas em “forasteiras” dentro de seu próprio país. Nessas unidades de reabilitação ou fazendas, muitas dessas pessoas foram submetidas a métodos cruéis de tortura e tratamento psicológico, bem como abuso físico, além de um sistema intenso de mão-de-obra agrícola.³ Como consequência, algumas se esconderam ainda mais fundo no armário para evitar o ostracismo social e profissional; outras tornaram-se informantes do governo e muitas deixaram o país ou foram forçadas ao exílio, como, por exemplo, durante o infame Êxodo de Mariel, em 1980, o primeiro êxodo cubano diretamente ligado a pessoas LGBT, que se tornou manchete internacional. Quase três décadas depois, porém, o Estado cubano, por meio do Ministério da Saúde e de sua agência auxiliar, o *Centro Nacional de Educação Sexual* (CENESEX), tornou-se o principal interlocutor da população cada vez mais visível de lésbicas, gays e transexuais de

³A quem tiver interesse sobre a história da UMAP e sobre as fazendas de trabalho forçado e reabilitação, ecomendo a leitura de uma obra excepcional de Reinaldo Arenas, *El central*, escrita em 1970 e publicada em 1990, assim como o artigo recente de Abel Sierra Maderos (2016), e outros escritos testimoniais citados ao final deste trabalho.

Cuba, situando-se, institucionalmente, como promotora e guardiã dos direitos LGBT.

O CENESEX, dirigido por Mariela Castro, filha do presidente Raúl Castro e da falecida Vilma Espín, sobrinha do falecido Castro, é a principal agência estatal voltada para os direitos LGBT, e praticamente todos os grupos LGBT do país têm algum tipo de relacionamento institucional e / ou político com o CENESEX. Sua missão, como afirma em seu site oficial, é contribuir para “o desenvolvimento de uma cultura de sexualidade plena, prazerosa e responsável, bem como promover o pleno exercício dos direitos sexuais.”⁴ Entre outras ações, o CENESEX tem sido fundamental na obtenção de cirurgias gratuitas de redesignação sexual para transexuais, no lançamento de campanhas na mídia para aumentar a conscientização sobre questões LGBT e na promoção da tolerância, condenando a homofobia e a transfobia. O centro também supervisiona vários tipos de organização LGBT, incluindo grupos de lésbicas negras, pessoas trans, homens gays e grupos mistos de vários tipos. Em quase seis décadas, o Estado revolucionário, que antes via as pessoas homossexuais como “pequena burguesia”, “produtos do excesso e decadência capitalista”, “contrarrevolucionários”, e/ou “escória”, passou a abraçá-las, até um certo ponto, como camaradas na revolução.

Não obstante as mudanças significativas mencionadas acima, uma miríade de perguntas permanece (se bem que nem todas as questões aqui colocadas podem ser respondidas neste trabalho). Por exemplo, até que

ponto as pessoas LGBT têm realmente acesso à justiça, ao projeto redistributivo em vigor desde meados dos anos 90 e, por extensão, a uma melhor qualidade de vida? Por que agora, especialmente desde meados da década de 2000, vemos uma mudança significativa no enquadramento político dos direitos LGBT na ilha? Como a circulação transnacional de idéias sobre gênero e sexualidade influenciou o ativismo cubano, que de certa forma tem estado relativamente isolado dos movimentos globais de direitos LGBT até recentemente? É possível, em última instância, imaginar a cuiridade como algo além do modelo binário heteronormativo de governança que marcou tanto o quadro estatal histórico em que a família revolucionária heterossexual tradicional, juntamente com as/os “Novas/os Mulheres/Homens Socialistas”, foi considerada a base do progresso revolucionário nacional/socialista? É possível existir, criar e participar plenamente na sociedade cubana abraçando a cuiridade e / ou alguma versão de identidade trans*⁵ que, de certa forma, situaria os indivíduos no reino da indeterminação e da não-normatividade (política e outras)? Colocando em palavras outras palavras, é essa aparente mudança nas políticas e práticas oficiais em relação às pessoas LGBT uma forma de reparação ou uma estratégia de pinkwashing?

⁴ Consulte https://en.wikipedia.org/wiki/Cuban_National_Center_for_Sex_Education

⁵ O autora deste artigo deve ter usado o termo Trans* (com asterisco) por considerar que esse é um termo abrangente que pode se referir a uma variedade de identidades dentro do espectro da identidade de gênero. Dessa forma, evidencia-se um esforço em incluir, sem limitar-se, transexuais, travestis, genderqueer, gêneros fluidos, não-binarismo de gênero, genderless, agender, não-gênero, terceiro gênero, two-spirit, bigender, transhomens, transmulheres, entre outros/as. (Nota do editor do dossiê)

DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO E CELEBRAÇÃO

Se a Cuba dos anos 60, 70 e, de certa forma, da primeira metade dos anos 80, testemunhou o ostracismo oficial e a exclusão de homossexuais cujo comportamento e estilo de vida não se conformavam à ética revolucionária e à moralidade socialista atribuída à/ao nova/o Mulher/Homem, após a queda do muro de Berlim em 1989 e a dissolução final da URSS em 1991, o Estado cubano necessariamente teve que mudar seu tom triunfalista e dançar ao som de um ritmo diferente, se quisesse sobreviver como um Estado socialista tardio em uma ordem global pós-Socialista (e Neoliberal). Os anos 90 cubanos são sinônimo dos anos difíceis do Período Especial em Tempos de Paz, mas, inversamente, também representam uma pausa após décadas de repressão e isolamento; de fato, durante os primeiros anos do Período Especial, a infraestrutura cubana ficou praticamente parada, mas tudo sobre ela estava queimando e mudando rapidamente. O advento do turismo, os investimentos estrangeiros, o empreendedorismo doméstico e a dolarização da economia, entre outras mudanças econômicas e políticas significativas ocorridas na década de 90, emparelhadas com a extrema escassez de alimentos, doenças relacionadas à deficiência de vitaminas, falta de água e petróleo, apagões, aumento da corrupção governamental e o retorno do crime e da prostituição, trouxeram mudanças irreversíveis em todos os domínios da vida cubana. A década de 1990 também sinalizou o alvorecer de mudanças significativas no que se refere às formas como os homossexuais e

os transexuais, bem como as questões relacionadas a esses grupos deveriam ser abordadas e percebidas pelo Estado e pelo povo cubano nos anos seguintes. A década de 90 tornou-se a década da reconciliação e o início da tolerância patrocinada pelo Estado, e representa uma virada na retórica oficial em relação à homossexualidade e à transgeneridade na ilha. A década de 1990 testemunhou o lançamento do filme aclamado internacionalmente *Fresa y Chocolate*, 1993, uma alegoria nacional sobre a necessidade de reconciliação, como observou Enrico Mario Sant'I. Simultaneamente, os literatos, músicos e artistas, em geral, começaram a lidar com a homossexualidade, a travestilidade e a transexualidade de forma mais ampla em suas obras. Além das expressões artísticas, e sob a benção do CENESEX, uma bandeira de arco íris de 10 metros levada por ativistas LGBT dos EUA e por mulheres trans cubanas abriu o desfile anual de maio em 1995. Dado que o CENESEX é uma organização governamental oficialmente ligada ao Ministério da Saúde Pública (MINSAP), estas e outras iniciativas patrocinadas pelo CENESEX sinalizaram uma mudança nas atitudes do governo em relação à homossexualidade. Igualmente importante, a década também testemunha o surgimento de espaços de sociabilidade LGBT, incluindo bares e festas privadas (as famosas festas de 10 pesos)⁶ que atendem a população LGBT.

Nos últimos anos, os estudiosos que escreveram sobre gênero e sexualidade em Cuba (Negrón-Muntaner 2008, Hamilton 2012, Sierra Madero 2014, Stout 2014, entre

⁶Ver Morad, 2014.

outros) lidaram com algumas dessas mudanças. Negrón-Muntaner (2008), por exemplo, considera este “um ambicioso processo de transformismo” (p. 164), de “mariconeria de Estado” (p. 164). Sierra Madero (2014) o rotula de “travestismo de Estado” (p. 1), enquanto Hamilton (2012) questiona se estas transformações devem ser interpretadas “como um sinal de ‘progresso’ e retificação de erros passados ou como uma estratégia deliberada para limpar a imagem de Cuba — ou ambos” (p. 175). Seja qual for o caso, o que é inegável é que a crescente visibilidade pública e o reconhecimento oficial das questões LGBT em Cuba desde meados da década de 1990 e para o novo milênio marcam uma mudança significativa da representação e das políticas oficiais repressivas dos anos 60, 70 e início dos anos 80. Assim, gostaria de voltar à pergunta feita no começo deste ensaio; ou seja, como explicar que um Estado abertamente heteronormativo e homofóbico como Cuba, que por mais de duas décadas tentou abertamente erradicar a dissidência sexual, surge na década de 2000 como promotor e guardião dos direitos LGBT?

Ecoando a noção de “simulação” de Sarduy, de *hacer como si*, que caracterizou a *travesti* (diferente da transexual), Negrón-Muntaner considera que,

A transição da homofobia para a homofilia ou da crise de Mariel para o sorriso de Mariela pode ser melhor entendida como uma forma de “transformismo” político. Nesse processo, o Estado cubano está disposto a conceder direitos e reconhecimento a grupos que no passado foram perseguidos e, portanto, permanecem simbolicamente

encarregados de dar uma nova face ao corpo político nacional e sobreviver à atual crise de legitimidade. (NEGRÓN-MUNTANER, 2008, p.164)

Da mesma forma, para Sierra-Madero (2014), travestismo de Estado consiste em uma série de políticas e discursos destinados a limitar o surgimento de um verdadeiro movimento de direitos ao promover mecanismos de assimilação e normatização (p. 2). De acordo com sua interpretação, o objetivo do CENESEX, e do Estado cubano em geral, seria produzir “diversidade controlada” (p. 2) e um espetáculo de “multiculturalismo lúdico” segundo o qual, de acordo com sua lógica, a inclusão da alteridade tem um propósito instrumental e utilitário e visa principalmente um público estrangeiro (p. 4).

Mais recentemente, ao estudar o comércio de sexo gay na Cuba pós-soviética, Noelle M. Stout (2014) também ressalta “as campanhas oficiais de tolerância gay que surgiram após meio século de políticas homofóbicas” (p. 29). Mas, ao contrário de Negrón-Muntaner e Sierra Madero, Stout liga o aumento da tolerância gay aos esforços governamentais mais abrangentes (e, em sua opinião, sinceros) de preservar o “frágil sucesso revolucionário durante a transição para o socialismo de mercado misto” (p. 29), enquanto reconhecendo simultaneamente “os tons normativos da representação queer” (p. 34).

Incorporando minhas próprias reflexões sobre a mudança nas atitudes do Estado em relação aos problemas e direitos LGBT em Cuba em um contexto mais global, eu acho algumas das críticas implantadas

pelos acadêmicos baseados nos EUA quanto ao uso de campanhas de relações públicas pelo Estado de Israel em relação aos direitos LGBT+ muito perspicazes.⁷ Embora uma comparação política entre os Estados de Cuba e Israel possa parecer absurda para a maioria, algumas das críticas às políticas e práticas LGBT de Israel parecem provocativas o suficiente para que lhes prestemos alguma atenção e / ou as utilizemos como base de comparação ao especularmos sobre as atuais políticas e práticas LGBT de Cuba. Assim, a questão proposta anteriormente neste ensaio, implora: é a mudança para uma atitude favorável a pessoas, questões, práticas e direitos LGBT uma forma de reparar o pinkwashing, isto é, uma maneira de apresentar o Estado como amigável aos LGBT para expurgar alguns dos erros anteriores, ou, como Hamilton (2012) colocaria, “erros passados” (p. 175) cometidos pela Revolução em nome da moral conservadora socialista, como a perseguição, a acusação, o ostracismo e a tortura (moral e outras) de pessoas LGBT durante os vinte e cinco primeiros anos da Revolução, entre muitos outros? Certamente, observando a história estratificada daquelas primeiras décadas, é tentador interpretar a aparente homo e transfilia do CENESEX como uma forma de pinkwashing para reparar não as vidas das pessoas LGBT em Cuba, mas sim a imagem pública do Estado. Eu, no entanto, ousaria dizer que a posição atual do Estado não é apenas uma forma de *pinkwashing* e um esforço por uma mudança de imagem da parte

⁷ Ver, por exemplo, o trabalho de J. Puar and S. Shulman, citados no final deste ensaio.

do Estado cubano mas também, e igualmente importante, uma consequência direta da virada neoliberal desigual de Cuba em resposta ao imperativo econômico causado pela perda de apoio econômico do Bloco Soviético no início do Período Especial e, mais recentemente, do decrescente apoio da Venezuela pós-Chavez, tomada pela crise.⁸

Por mais de duas décadas, Cuba foi compelida a lentamente acomodar reformas econômicas neoliberais e a promover reformulações neoliberais de espaços políticos e meios sociais que levaram a uma re-engenharia do velho modo socialista de governança. Evidentemente, essas reformas estão produzindo uma sociedade que complica as reivindicações fundamentais (e utópicas) da Revolução não só em termos de classe e raça, como outros já discutiram (DE LA FUENTE; SAWYER, 2006, PERRY, 2015), mas também de gênero e sexualidade.

Ao visitar Havana em dezembro passado (2015), tive a oportunidade de assistir ao discurso televisado de Raúl Castro ao Parlamento cubano, na véspera do 57º aniversário do triunfo da Revolução em 1º de janeiro de 1959. Fiquei particularmente impressionada com a frase de encerramento na qual ele afirma “nossos esforços para construir um socialismo próspero e sustentável” (29 de dezembro de 2015).⁹ Enquanto pensa-

⁸ Em 2016, a economia cubana encolheu pela primeira vez em vinte e três anos, apesar do aumento no turismo. Ver, <http://www.foxnews.com/world/2016/12/28/lacking-venezuelas-aid-cuban-economy-shrinks-for-first-time-in-23-years.html> Consulte também, <https://www.usnews.com/news/world/articles/2015-12-29/raul-castro-prepares-cuba-for-tough-year-despite-us-opening>

⁹ Para uma cópia do discurso acima mencionado consulte: <http://www.minrex.gob.cu/en/closure-national>

va na caracterização que Raúl fazia do tipo de Socialismo que Cuba está produzindo, o conceito de Aihwa Ong de “neoliberalismo como exceção” (2006) me veio à mente como uma lente útil para observar “a interação entre as tecnologias de governar e de disciplinar, de inclusão e exclusão, de dar valor ou negar valor à conduta humana” (p. 5) em jogo na construção de tal tipo de socialismo na Cuba socialista tardia.

É bem possível que o Estado cubano tenha abraçado “exceções” econômicas e sociais para, como Stout colocaria, preservar “os frágeis sucessos revolucionários obtidos durante a transição para o socialismo de mercado misto” (p. 29), ao reformular um sistema datado e transformá-lo em um mais “próspero e sustentável”¹⁰. Não obstante, também gostaria de propor que vejamos essas desconcertantes mudanças societárias que ocorrem hoje em Cuba, incluindo a defesa dos direitos LGBT pelo Estado e o discurso a favor da tolerância sexual e contra a homo e transfobia, como exemplos da adoção, da parte do Estado, de exceções neoliberais e da reformulação do social como um mecanismo para garantir a sustentabilidade e a prosperidade da elite tecno-corporativa-militar do regime e seu direito de governar.

Em termos de suas reformulações sociais e, especificamente, em relação às pessoas e questões LGBT, parece que o Estado está fazendo o que sempre fez, isto é, resgatar

alguns dos membros mais vulneráveis de um grupo ou classe, aqueles a quem Negrón-Muntaner se refere como “politicamente maltratados, mas simbolicamente carregados” (neste caso, as *locas*, travestis, lésbicas e gays da classe trabalhadora, e profissionais do sexo) de modo a dar-lhes algum senso de auto-estima e direito, e, no processo, assegurar sua lealdade - “¡Gracias, Fidel!” foi a frase que simbolizou o sentimento de gratidão que emergiu das massas na década de 1960; agora, suponho, seria “¡Gracias, Mariela!” E, assim como no passado, o Estado hoje aborda esse resgate com “todas as armadilhas da visibilidade”. (Quiroga, correspondência pessoal, 5 de janeiro de 2016).

Mas, por que desconfiar tanto do Estado? O Estado, de fato, sempre se envolveu em processos de reforma e modernização da economia e outras áreas de interação social. Em princípio, o Estado cubano poderia simplesmente estar implantando suas tecnologias usuais de governo e governança para se situar, neste caso, como líder global no avanço dos direitos dos homossexuais, como já era em relação à alfabetização, cuidados de saúde ou igualdade racial e social. No entanto, o que é bastante irônico é que, ao se situar na vanguarda dos direitos homossexuais, o Estado, ao adotar a exceção neoliberal, está simultaneamente criando a condição de possibilidades para o surgimento de uma sociedade socialmente estratificada onde as classes sociais, em particular a *pequena burguesia*, deveriam ter sido apagadas pelo socialismo.

Ironicamente, o Estado cubano sempre associou “homossexuais” com o excesso

-assembly-speech-president-cuba-raul-castro

¹⁰ A pergunta aqui seria: “próspero e sustentável para quem?” Pois não há dúvidas que a introdução de exceções neoliberais criou uma sociedade profundamente dividida em classes sociais e aumentou a discriminação racial e econômica no seio da sociedade cubana.

capitalista e o *pequeno burguês*, e agora, como por uma virada do destino - ou de *ismo* - a nova economia de mercado misto socialista promove indiretamente o surgimento de uma pequena burguesia, que, em sua maior parte, está longe de ser homossexual ou mesmo queer no sentido amplo do termo. Então, quem são as pessoas LGBTQ cujos direitos são promovidos e protegidos pelo Estado? A questão é importante porque, nesta situação particular, como em muitos dos seus primeiros trabalhos de política social, o Estado trabalhou de forma muito eficiente ao tentar resgatar alguns dos sujeitos LGBTQ mais vulneráveis, seja alguém que vive em *El fanguito*,¹¹ alguém com disforia de gênero, gay, negra/o, pobre, profissional do sexo ou uma combinação de alguns ou todos os itens acima. Uma vez resgatado, o Estado capacita esses indivíduos através de um processo de reconhecimento social e político, e nesse processo garante sua lealdade. O dilema enfrentado pelo Estado, assim como pelas/os beneficiárias/os de suas *exceções* é que, uma vez empoderadas/os, alguns desses sujeitos leais “que já se beneficiaram da generosidade da Revolução,” particularmente se expostos a comunidades e ativismos LGBTQ do exterior, irão muito provavelmente “encontrar-se frustradas/os pelos mecanismos **específicos** do Estado” (Quiroga, correspondência pessoal, 5 de janeiro de 2016), e irão contra-atacar de dentro, a partir dos espaços fornecidos pela Revolução, tornando-se

parte da assim chamada “oposição leal.”¹² Por outro lado, se possível, alguns sairão da ilha e, como Calibán, irão expor e amaldiçoar as tecnologias de governança e disciplina do Estado.

Atualmente, o Estado cubano está produzindo sujeitos LGBTQ pelo próprio processo de incorporação (da diferença) e neutralização. Isto é feito através das várias campanhas de validação no que se refere às diferenças sexuais e de gênero, discursos de tolerância e inclusão, ou seja, através de reformulações neoliberais do social. A imagem abaixo, realizada em um evento patrocinado pela CENESEX, é um exemplo visual da fusão de dois poderosos marcadores de identidade e cultura que, até os últimos anos, eram mutuamente conflitantes: expressões de gênero dissidentes e a nação. Na imagem, para complicar as coisas ainda mais, essa fusão está sendo incorporada por uma mulher trans, ou, mais provavelmente, uma Drag Queen.

¹¹ El fanguito é um bairro muito precário ao longo da margem do Rio Almendares, ao lado do histórico afluente Vedado, em Havana.

¹² Para uma discussão do conceito de “Oposição leal”, consulte Dilla Alfonso.

Figura 1 - Essa imagem foi replicada em diversas páginas de internet ao redor do mundo, inclusive na página para o público latino da foxnews: <http://www.lgl.lt/en/?p=12637>



Assim, podemos considerar a gestão e incorporação de diferenças do CENESEX - e, por extensão, do Estado cubano - em relação à observação de Judith Butler de que “subjeção’ significa o processo de se tornar subordinada/o pelo poder e também o processo de se tornar um sujeito” (2). Portanto, o próprio processo que está criando sujeitos LGBT em Cuba também está subordinando-os e neutralizando sua “capacidade de ruptura” (HALL, 1977, p. 182, FERGUSON, p. 162), a capacidade crítica para queerizar o *status quo* oficial. Assim, pergunto se nessas condições a cuiridade como gênero anti-normativo e forma política de diferenças, pode emergir e prosperar em Cuba. No momento, minha resposta é mista: sim e não. O “não” deriva do fato de que, enquanto o Estado através do CENESEX criou a condição de possibilidade

do *queer* como camp, o fez por meio de um processo de subjugação que, em termos, rompe sua capacidade de emergir como uma epistemologia capaz de produzir uma práxis de mudanças estruturais duradouras nas estruturas sociais e políticas. Em outras palavras, a cuiridade como posição anti-normativa e anti-ordem social não poderia existir “dentro da Revolução,” que, desde o discurso de Castro em 1961, “Palavras aos Intelectuais,” foi vista como o único lugar plausível para o exercício de agência política e o ativismo em Cuba.¹³

¹³ Foi em seu ubíquo discurso “Palavras aos intelectuais” (1961) que Castro explicitou as fundações de um modelo binário de governo e governança que moldou não só a cultura política e política cultural de Cuba, mas todos os aspectos da vida na ilha desde então. Estando ou não ciente da longa e ampla influência de suas “Palavras” ao definir o tom das políticas e práticas que informaram a vida em Cuba nos últimos cinquenta e oito anos, o fato

Simultaneamente, não há dúvida de que expressões queer são abundantes nas artes - o que é notável dada a capacidade da arte para criar críticas sociais afiadas e pungentes. Mas apesar da arte como um meio eficaz para a realização da crítica, a questão ainda continua em relação à capacidade da arte de efetuar mudanças políticas estruturais que levem a novas formas de governança (no sentido foucaultiano da palavra), seja sob regimes Socialistas, Capitalistas ou Neoliberais, ou, no caso de Cuba, um híbrido desses regimes. Esta, suponho, continua sendo a questão central em relação ao potencial da arte para implementar mudanças sistêmicas.

Sob um “socialismo próspero e sustentável” em processo de construção, a tolerância e a normatividade se tornaram parte integrante das reformulações neoliberais do social, e também da nova governança socialista e, junto a outros elementos da reforma neoliberal do mercado, passou a assinalar a partida de Cuba do Estado de bem-estar Socialista pré-1989. Certamente, tolerância à homossexualidade e ao dimorfismo sexual não são os únicos descendentes desse affair - também há a tolerância econômica, a tolerância religiosa, a tolerância artística e cultural, e até mesmo a tolerância ideológica que leva ao que alguns se referem como “oposição leal.” O resultado dessas mudanças é confirmado pelos desenvolvimentos visíveis e palpáveis que aconteceram na ilha durante os últimos

é que em seu discurso ele efetivamente construiu uma tipologia rígida - alguém é revolucionário ou contrarrevolucionário - e topografia - alguém está “dentro da Revolução” ou está “contra [for a] da Revolução”. Esse paradigma não deixa espaço para nenhum tipo público de posição ou possibilidade de sujeito no entrelugar, trans* ou queer.

vinte e cinco anos. Tolerâncias sexuais e religiosas, duas das formas mais lucrativas de acumulação de capital para o setor popular da sociedade cubana que vive nas margens do socialismo, no entanto, foram duas das formas mais visíveis de tolerância sancionadas pelo Estado durante o Período Especial e além - particularmente em contraste com a intolerância das décadas anteriores. De fato, em geral, a *tolerância* regulada pelo Estado se tornou a válvula de escape da Cuba Socialista tardia - assim como o mulato se tornou “a válvula de escape” (Deglar 1986) das sociedades de plantação coloniais e neocoloniais.

Na década de 1990, Cuba, como o personagem shakespeariano (Hamlet), enfrentou uma grave situação: “ser ou não ser”, continuar a existir ou perecer; Cuba escolheu o primeiro. Mas para fazê-lo, para continuar a existir, teve de se transformar, refazer-se e re-comercializar-se tanto em termos econômicos e ideológicos para sobreviver na nova ordem mundial pós-socialista - sem os amplos subsídios fornecido pela ex-URSS, sem entregar-se grandemente aos projetos capitalistas dos EUA e, mais recentemente, sem a ampla ajuda da Venezuela. O que o futuro promete à luz das transformações mencionadas anteriormente pode apenas ser especulado.

Entretanto, muito antes do Período Especial, Cuba se orgulhava de ser a sobrevivente heroica do imperialismo dos EUA e de outros acontecimentos mundiais. Como Juan, o personagem principal do recente e premiado filme *Juan de los muertos*, 2012 (João dos mortos) - uma comédia brilhante que não poupa nada nem ninguém, exceto talvez sua

própria mistura cativante (*sancocho*) de sobras socialistas com despojos nacionalistas - repete continuamente no filme: “Eu sou um sobrevivente. Eu sobrevivi ao Mariel, sobrevivi a Angola, sobrevivi ao Período Especial, e aquilo que veio depois, e eu também sobreviverei a isso [referindo-se ao apocalipse zumbi que nos é apresentado como espectadores do filme].” Assim, sobrevivência é a palavra fundamental (tanto para os atores quanto para os espectadores desta comédia política), sobrevivência a todo o custo. Na verdade, em nome de sua própria sobrevivência, o Estado cubano e sua elite governante criaram seu próprio tipo de neoliberalismo socialista tardio. Nessa nova ordem híbrida, tolerância, como o companheiro afetivo do modelo político e econômico, tornou-se o paliativo das pessoas, e também um conceito estratégico que sustenta sua autocentrada elite dominante no poder e facilitou a emergência da elite militar e ex-militar, assim como os membros do aparato de inteligência do Estado, como empresários e que se tornaram jogadores proeminentes no mercado global de produtos, política, riqueza e influência. Poderíamos lamentar a adoção de reformas econômicas neoliberais, com seus projetos sociais e políticos por parte de Cuba, mas, qual seria a alternativa?

No que diz respeito às práticas e políticas LGBT atuais, eu acho difícil de acreditar que cubanos LGBT voltariam para o armário, nem poderia imaginar uma versão do século 21 do UMAP mais do que eu poderia imaginar a restauração de um regime de trabalho voluntário compulsório, ou o desenterrar do cartão de ração como único meio de acesso

a comida e bens essenciais. E, claro, outro êxodo em massa como aquele no porto de Mariel seria impensável, mesmo quando Cuba continua a ser uma ilha que foge (*una isla en fuga*), sangrando seu capital humano nos pontos cardeais todos os dias.

Honestamente, não tenho uma resposta. Após a concatenação de desastres proporcionada pelos países do antigo Bloco Soviético, da Ásia e da América Latina sob governos de direita e esquerda neoliberais e, mais recentemente, pelo advento do Trumpismo nos Estados Unidos, sugerir que aquilo de que Cuba realmente necessita é um “retorno à democracia” - como quer que o termo seja compreendido vulgarmente no mundo de hoje - ou para alguma forma de ordem social e econômica pré-1959, é uma discussão que se estende além do escopo deste artigo e da minha experiência profissional, porque não sou treinada com política nem economista - além disso, como indivíduo, eu conheço aquilo a que me oponho, mas neste momento mundial, eu não tenho certeza do que apoio - além da igualdade e justiça social e econômica. Como uma pessoa que exerce crítica cultural e sabe alguma coisa sobre a história e a cultura de Cuba e da América Latina, entretanto, eu arrisco que, talvez, o único meio viável para que as pessoas LGBTIQ tenham acesso a justiça e participem de um projeto redistributivo de sucesso em Cuba, é construir e nutrir uma sociedade verdadeiramente *revolucionária*, uma que pudesse se erguer contra a colonialidade do poder ainda incorporada ao Estado cubano pós-1959, desafiar a normalidade e o modelo binário de agência

ratificado pelas *palavras* de Castro em 1961, e ainda sustentadas por seu sucessor.

Em suma, justiça LGTB e outras formas de justiça só podem prosperar em uma sociedade que ofereça aos seus cidadãos a possibilidade de seleção de afiliação política, de participar do tipo de ativismo popular que não seja impulsionado pelo mercado, de dar voz a críticas e questionamentos, uma sociedade revolucionária que iria garantir a suas cidadãs e cidadãos a liberdade de associação, juntamente com livre e expansiva criatividade e dissidência e, mais importante, respeito. Tolerância é uma palavra barata e um conceito vexado, que, no final, leva a falhas e confrontos, nós precisamos abraçar o respeito e jogar a tolerância na lixeira. E, certamente, uma sociedade que cuida do bem-estar (entendido não apenas como “ajuda às pessoas necessitadas”, mas também, e especialmente, como bem-estar no seu sentido holístico) de seus cidadãos, em vez de criar as condições de possibilidade para a emergência de desigualdade e injustiça como ocorre atualmente em Cuba.

Se Cuba vai ou não ser capaz de se tornar essa sociedade, isso ainda está por vir. Mas seja como for, não será suficiente questionar e queerizar raça, gênero, e sexualidade, entretanto; a Realpolitik também deve ser questionada e queerizada, juntamente com as fundações da “razão patriarcal” - emprestando o termo da filósofa espanhola Celia Amorós - se desejamos uma epistemologia queer e suas possibilidades de fazer emergir e dar suporte a uma práxis queer em um futuro não tão distante em Cuba e além.

REFERÊNCIAS

- ALFONSO, Haroldo Dilla. La Oposición cubana leal? **Havana Times**, Havana, 10 jun. 2013. <http://www.havanatimes.org/sp/?p=86471>
- _____. ¿Oposición leal? Cuba Encuentro, Havana, 29 jul. 2014. <http://www.cubaencuentro.com/opinion/articulos/Oposicion-leal-319491>
- Conducta Impropia**. Internos Nestor Almendros e Orlando Jiménez Leal. Distribuição do Cinevista, 1984. Vídeo
- FERGUSON, Roderick R. Administrar a sexualidade; Ou o novo à institucionalidade. **Radical History Review**, v. 100 (2008), p. 158-169.
- HALL, Stuart. The Local and the Global. In: Anne McClintock, Aamir Mufti e Ella Shotat (Eds.). **Dangerous Liasons: Gender, Nation, and Postcolonial Perspectives**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.
- HAMILTON, Carrie. **Sexual Revolutions in Cuba. Passion, Politics, and Memory**. Capela Hill: A University of North Carolina Press, 2012.
- HERNNADEZ BUSTO, Ernesto. **50 años de los campos de internamiento cubanos**, de 2016. Disponível em: http://www.lespanol.com/opinion/20160328/113108690_12.html
- Juan de los muertos**. Interno Alejandro Brugés. Distribuição do Metrodome, 2012. Vídeo.
- NEGRÓN-MUNTANER, Francis. Mariconerías de Estado. Mariela Castro, Homosexuales and Cuban Politics. **Nueva Sociedad** 218 (2008): 163 – 279.
- PUAR, JABIR. Puar, Jasbir (1 July 2010). Israel's gay propaganda war. **The Guardian**. Retrieved March, 22, 2014.
- QUIROGA, José. **Correspondência pessoal**. 5 de janeiro de 2016.

SANTÍ, Mario Enrico. Fresa y Chocolate: A retórica de reconciliação cubana. **MLN** v. 113, n.2, p. 407-425, 1998.

SHULMAN, S. **Israel and Pinkwashing**. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/11/23/opinion/pinkwashing-and-israels-use-of-gays-as-a-messaging-tool.html>

SIERRA MADERO, Abel. **Del Hombre Nuevo al Travestismo de Estado**. Disponível em: http://www.diariodecuba.com/Cuba/1390513833_6826.html.

_____. Academias para producir machos en Cuba. **Cuban Studies** 44. Disponível em: <http://www.letraslibres.com/espana-mexico/politica/academias-producir-machos-en-cuba?page=full>

STOUT, Noelle T. **After Love**. Queer Intimacy and Erotic Economies in Post Soviet Cuba. Durham: Duke University Press, 2014.

Recebido para publicação em 11 jun. 2017.

Aceito para publicação em 17 nov. 2017.